

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 10 Números 5\$00

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINALS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

Defesa de Portugal

Salazar falou à Nação. Palavras serenas e fortes de um Chefe que sabe querer e sabe ordenar, nelas se contém a lição do mestre que analisa com excepcional clarividência os problemas do mundo que o cerca e as directrizes seguras do estadista que abrem caminhos claros às inteligências e às vontades.

Em três capítulos, que entre si se completam, dividiu o Chefe do Governo a sua comunicação ao país. Definindo, no que tratava da «Defesa económica», as circunstâncias em que tem de desenvolver-se essa obra de segurança da nossa economia, expôs as regras gerais a que se tem obedecido desde os primeiros momentos da guerra actual: «manter na medida do possível a normalidade existente» o que importa o «emprêgo dos máximos esforços no sentido da estabilidade da produção e dos serviços, da moeda e do crédito, dos preços, vencimentos e salários.» Essas são as condições de uma independência económica que sirva de base à necessária «Defesa moral», entendendo por estas palavras a «defesa da consciência da Nação, no duplo aspecto da sua unidade e da sua personalidade, da coesão que faz a fôrça e do carácter que a torna inconfundível entre as nações.» Por isso seremos intransigentes na «Defesa política», no primeiro plano da qual «está a defesa do interesse nacional; no segundo plano a defesa das instituições; naquele a independência e integridade da Pátria; neste o sistema do Governo e o conjunto doutrinário que orienta a vida da Nação.»

Salazar definiu com inexcusável coragem os motivos da nossa razão e «quem tem razão tem muita fôrça—e muito mais quem a tem em sua casa.»

Se outros valores não tivessem os discursos de Salazar, bastaria a clareza das expressões, a escolha dos vocábulos, a exposição das ideias e o desenrolar do pensamento até a uma conclusão concreta e convincente—para desvanecer possíveis ideias e conjecturas elaboradas sem fundamento.

Foi o que sucedeu com a comunicação do sr. Presidente do Conselho—«Defesa económica, defesa moral, defesa política»—«que teve unânime aplauso da Imprensa portuguesa—como anotou muito a-propósito o «Diário da Manhã»—e, assim, a maior repercussão e ganho de causa na opinião pública.»

«Não procurou nunca o sr. Doutor Salazar a fácil glória da eloquência demagógica»—escreve «A Voz», no seu editorial «A mensagem».

E mais adiante, como corolário desta afirmação, lê-se: «Salazar fala a verdade e não o que pudessem querer as gentes a quem se dirige. Por isso, a sua palavra tem tão insinuante poder persuasivo e tamanha autoridade.»

De facto, se o sr. Presidente do Conselho personificasse a política dos velhos partidos, as suas alocuções já-mais poderiam ser ouvidas e respeitadas, porque a política de verdade só é possível no condicionalismo da Revolução Nacional.

Sigamos o Chefe que a Providência nos deu, porque com ele—sejam quais forem os obstáculos—estará sempre a vitória.

O FEITIÇO e os Feiticeiros

O resultado obtido com os exercícios de D. C. A. ultimamente realizados em Lisboa não podia ser nem mais significativo, nem mais satisfatório.

Sob o ponto de vista militar, a sua cooperação com as fôrças do Exército tornou-se «perfeita». E o qualificativo não é nosso. Pertence a declarações feitas pelo ilustre Sub-Secretário de Estado da Guerra o que basta para garantir-lhe a melhor autoridade.

Sob o aspecto civil, a organização que desenvolveu, chamando os habitantes e os organismos de socorro a participarem nessa grande experiência de defesa comum, excedeu todas as expectativas. Cumpriu a missão que lhe foi confiada com o mais alto espirito de compreensão e disciplina, que o mesmo é que dizer com inteira capacidade realizadora.

E ha ainda o lado politico desta sua actuação. Precisamente porque a «L. P.» tem uma posição definida ao serviço de princípios intransigentes, uma vez que lhe coube desempenhar-se de encargo de tamanha responsabilidade como é a Defesa Civil do Território, não lhe faltaram com ataques surdos ou a descoberto, todos tentantes a dificultar-lhe o caminho e a prejudicar-lhe a acção. Mas a resposta não se fez esperar e calou fundo. O feitiço virou-se contra o feiticeiro... Da campanha, a «Legião» saiu mais forte. Pôs a prova, definitivamente, o seu poder de organização e a sua fôrça. Têve a seu lado, numa colaboração franca e decidida, o povo de Lisboa.

E porque sucedeu assim? Não é difícil dizê-lo. Porque a existência da «Legião» tem um verdadeiro sentido patriótico e o País sabe compreendê-lo e acompanhá-lo.

Pequito Rebelo Obras publicadas

- A Questão Ibérica (aspectos económicos) 1915—20\$00.
- Novos Métodos de Cultura (1.ª edição) esg. 1917.
- Novos Métodos de Cultura (2.ª edição) esg. 1919—100\$00.
- Pela Dedução à Monarquia esg. 1921—no prélo 2.ª edição, rev.
- Cartilha do Lavrador, 1922—2\$50.
- As falsas ideias claras em economia agrária esg. 1926—10\$00
- O valor agrícola do Tagassasto, esg. 1926.
- Terra Portuguesa 1929—5\$00.
- Duas economias, 1931—3\$00.
- O desastre das Reformas Agrárias, 1931—7\$50.
- Um esquema de política económica, 1932—5\$00.
- La crise mondiale et la conférence de économique de Londres, 1933—20\$00.
- Uma previsão dos acontecimentos de Espanha, 1936—1\$00
- Anti-Marx esg. 1936—37—5\$00.
- Espanha e Portugal, 1939—6\$00.
- Foros em Ouro, 1940—20\$00.
- O Método Integral, 1942—25\$00.

PELA CIDADE

Sociedade Orfeonica—Na tarde de São Pedro realizou-se no Parque da Sociedade Orfeonica mais um torneio de tiro ao alvo com carabina, o qual como o que o antecedeu teve enorme afluência de concorrentes e decorreu com bastante entusiasmo.

—A prova foi disputada por 20 atiradores, tendo obtido o 1.º lugar (Taça de Prata «Sociedade Orfeonica») o sr. José Alberto Bento Capela. Classificaram-se em 2.º 3.º 4.º e 5.º lugares respectivamente os sr. José Ribeiro de Jesus, João Pessoa de Padua Cruz, José Francisco Leote e Antonio Gonzalez.

O júri era constituído pelos srs. Engenheiro Antonio Lopes Ribeiro, sub-Director do Posto Agrário do Sotavento do Algarve, Alferes Pedro dos Santos Machado, Comandante Militar de Tavira e Armando Vicente Gomes Cardoso, Aspirante da Camara Municipal.

Findo o torneio procedeu-se à entrega dos premios, e respectivos diplomas.

Agradecemos a gentileza do convite.

A' noite no mesmo Parque e no intervalo do baile que ali se realizou teve lugar uma interessante Ginkana, a qual foi feita em hilariedade, devido aos obstáculos que os concorrentes tinham a vencer.

Feito o apuramento, resultou a seguinte classificação.

- 1.º José Alberto Bento Capela com Mle. Telma Lagoas.
- 2.º João Vicente com Mle. Maria do Carmo Parreira.
- 3.º Luiz Arnedo com Mle. Lizete Guerreiro.

O júri era constituído pelos srs. Manuel Sousa Rosa, José Rodrigues Horta e Delfim Abrantes. Cronometrista o sr. Antonio Gonzalez.

Pelo brilhantismo com que decorreram os bailes e festejos em Honra dos Santos Populares, no Parque da Sociedade Orfeonica, a Direcção daquela agremiação artistica é digna dos maiores elogios.

Iniciam se hoje no Parque da Sociedade Orfeonica de Amadores de Musica e Teatro, as tradicionais reuniões familiares, as quais salvo qualquer contratempo proseguirão todos os domingos durante a época calmosa.

Bispo do Algarve—Encontra-se nesta cidade onde veio presidir à festa em honra do Sagrado Coração de Jesus, Sua Ex.ª Reverendíssima o sr. D. Marcelino Franco, nosso ilustre conterrâneo.

Exames—Iniciaram-se no dia 1 do corrente, nas escolas oficiais desta cidade, os exames da 3.ª classe.

Se nos fôr fornecida a nota dos alunos aprovados iniciaremos no proximo numero a publicação da mesma.

S. Pedro—Para comemoração das festas tradicionais em louvor de S. Pedro, houve animados bailes nos parques da Sociedade Orfeonica e do Tavira Ginásio Clube.

Sagrado Coração de Jesus—Iniciaram-se no passado dia 2 do corrente os triduos preparatórios para as festividades religiosas em honra do Sagrado Coração de Jesus, na igreja de S. Tiago.

Com a assistência de Sua Ex.ª Reverendíssima D. Marcelino Maria Franco, Bispo da Diocese, haverá hoje missa solene de pontifical, comunhão geral, crisma e sermão.

A' noite—solene «Te-Deum» e sermão.

Dr. Augusto Matos—Concluiu a sua formatura no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, tendo-se licenciado, nas secções: Consular e Aduaneira, com a média final de 14 valores, este nosso prezado conterrâneo filho do nosso particular amigo sr. Dr. José Augusto Soares de Matos, dignissimo Conservador do Registo Civil, em Vila Real de Santo Antonio.

Ao Dr. Augusto Matos e familia apresenta o «Povo Algarvio» sinceros parabens fazendo votos para que encontre as maiores felicidades ao iniciar a vida pratica.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia SIMPLICIO.

Pesca de Atum Temporada de Direito de 1942

Vendas de Atum e suas espécies similares, effectuadas na lota de Vila Real de Santo António, no período de 11 de Maio a 28 de Junho

ARMAÇÃO	Atuns	Atuarros	Albacoras	Cachorretas	VALOR
Cabo de Santa Maria	2.087	960	1.249	201	6.980.810.49
Abóbora	591	198	96	43	2.009.805.32
Mêdo das Cascas	806	206	67	92	1.294.602.02
Livramento	110	35	62	15	385.245.79
Barril	259	147	36	—	9.45.523.27
Somas	3.858	1.546	1.510	351	11.615.986.89

BODAS DE OIRO DE ANTÓNIO CABREIRA E VII CENTENÁRIO DA TOMADA DE TAVIRA

Resultou brilhantíssima e teve alto significado esta Dupla Celebração Jubilar, efectuada, em 16 do Junho p. p., na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia, por iniciativa do Instituto António Cabreira.

Presidiu o Sr. General Vieira da Rocha, ladeado pelos Srs. Dr. António Cabreira, General Lacerda Machado, Almirante Alberto Aprá e Coronéis Lopes Mateus, Sergio de Sousa e Lopes Galvão. A assistência era selecta e muito numerosa.

O Sr. Coronel Sérgio de Sousa mostrou a importância e a originalidade da obra matemática e astronómica de António Cabreira, testemunhada pelos louvores de grande número de Sábios Nacionais e Estrangeiros e por muitas consagrações Académicas e Universitárias.

O Académico, Sr. Frazão de Vasconcelos ocupou-se da obra sociológica e filosófica de António Cabreira, lendo também opiniões de pensadores insígnies, de diversas Escolas, tôdas concordando em reconhecer o alto mérito dessa obra.

O Sr. Coronel Lopes Mateus, antigo Ministro da Guerra, referiu-se, com elogio, á obra e superior espírito militar de António Cabreira, parte da qual se converteu em lei.

O Sr. Prof. Dr. Manuel Busquets de Aguiar exaltou o valor doutrinário e documental da obra de António Cabreira, destacando a que restabeleceu a importância da Batalha de Ourique e interpretou a Revolução de 1820 á luz de um lúcido critério sociológico.

O Sr. Coronel Francisco de Passos citou as fecundas iniciativas, fundações e prioridades de António Cabreira, precursoras de várias instituições do Estado, sendo a de maior proveito nacional a do Curso Colonial.

O Sr. Prof. Dr. Eduardo Cabral mostrou o edificante apuro moral e a benemerência escolar de António Cabreira á qual êle, orador, e tantos outros, incluindo muitos homens ilustres, devem seus cursos e posição superior que ocupam.

O Actor Carlos Santos leu extractos dos livros de António Cabreira, «Soluções Positivas da Política Portuguesa», «Espírito e Matéria», «Vasco da Gama Sobre a Terra e Sobre o Mar» e «D. Afonso Henriques interprete ideológico da Raça», que tiveram vivos aplausos do auditório.

O Sr. Coronel Cardoso dos Santos descreveu e comentou a Tomada de Tavira aos Moiros.

O Sr. Dr. António Cabreira fechou os discursos com emotivas palavras de congratulação e agradecimento. Uma frase: «E dir-se-ia que participam de tal glória,—pois resplandecem côr e vida,—as imagens venerandas que o Lampadário da Saudade alumia no altar do meu coração... Essas imagens são as de meus amantíssimos e extremos Pais e Irmão, e as dos meus queridos e lealíssimos companheiros de campanha que tombaram a meu lado, nesta longa e acidentada jornada de meio século.»

Abrilhantaram a festividade a Banda de Música da G. N. R., que executou a «Marcha Solene António Cabreira», de Manuel Ribeiro; «Ribatejo», poema sinfónico de Frederico de Freitas, e «Marcha de Guerra», acompanhada pela banda de Clarins; e um Orgão que tocou o «Largo Religioso», de Mendel, interpretando a conversão da mesquita na Igreja de Santa Maria do Castelo e o sentido das palavras de António Cabreira.

A Bandeira da Família Cabreira estava escoltada por alunos da Escola Luiz de Camões, com o uniforme da Mocidade. Fez a guarda de honra uma Lança da

A Remuneração Familiar

pelo Dr. A. de Andrade Soares

O salário é, fóra de dúvida, e em última análise, o ponto de crucial relevância na solução do problema social, económico, moral e até político do Estado.

Salários suficientes e justos, que cubram as necessidades dos trabalhadores e equivalham á quota-parte dos seus esforços na prosperidade da empresa—teremos a paz interna, o bem-estar económico pela projecção dêsse maior poder de compra no mercado, desenvolvimento e estabilidade da família, com a consequente elevação espiritual do indivíduo e a garantia de continuidade e de maior grandeza da raça.

Salários insuficientes, merca-dejados no obsoleto sistema da lei da oferta, trabalho comprado pela empresa em vez de pôsto a colaborar com ela—eis a luta de classes inevitável, a economia geral arruinada, a regressão populacional a substituição da família por uniões passageiras, com todo o seu cortejo de miséria moral, a instabilidade política derivada do tumultuar de lutas internas, em que os partidos, os regimes e os Estados fatalmente naufragam.

O corporativismo português ergueu-se contra a luta de classes e fez do trabalhador colaborador nato da empresa onde exerce a sua actividade, associado aos seus destinos pelo vinculo corporativo; proibiu, a uns e outros, a imposição pela violência das vantagens que pretendiam obter; obrigou á conciliação dos interesses do capital e do trabalho com os da economia pública, com o superior interesse nacional.

Se houve sector onde esta política de dignificação do trabalho e êste espírito de colaboração entre empresário e trabalhador encontrou êco e, até, reavivou raízes profundas, crêmos bem que foi no comércio lojista.

A êste propósito cabe citar um passo de uma crónica, escrita de França, onde se travavam, antes da guerra, lutas sociais que em Portugal mal se adivinhavam ainda, pelo pai do autor, o falecido jornalista Dr. Anibal Soares.

Depois de acentuar que o trabalhador português não fazia sequer ideia do que era ali a insolência arrogante e insultuosa do patrão, do gerente, do capataz, ou de todo e qualquer que exercessem o mando sobre operários assim como o nosso patrão nem imaginava o que pudesse ser, por seu turno, o ódio, a má vontade, o espírito de rebelião que existia sempre latente e frequentemente explodia no assalariado, falava, assim, do que entre nós se passava:

«O nosso patrão português é, em regra, ou um *gentleman*, que vive afastado da sua fábrica ou da sua loja, e nêsse caso a sua existência quasi se não revela aos seus trabalhadores senão de longe pela concessão de alguma regalia, de alguma largueza inesperada, ou então é um diabolismo que vive no meio dêles, que grita, berra, barafusta, que aplica mesmo o seu soquete nos machos e nos aprendizes, mas que, ainda bem não, está em mangas de camisa a ajudar êste a carregar um fardo ou aquêle a pregar um caixote, e que ás duas por três se enternece, bota lágrimas, associa á casa o guarda-livros, dá a filha em casamento ao empregado principal e fornece crédito ao caixeiro para se estabelecer por sua conta.

«E bem é. Porque daí resulta a relativa amenidade de relações que entre uns e outros subsiste, o interesse afectuoso dos empre-

Legião Portuguesa, com clarins.

Todos os oradores, e em especial António Cabreira, foram calorosamente ovacionados, havendo também o homenageado recebido muito telegramas de felicitação,

gados e operários pelas casas que servem, a atmosfera de solidariedade, de cordealidade, de mútua confiança que ainda se encontra nas nossas empresas e casas de comércio e que faz o orgulho e encanto de vida dos seus donos».

Passou muita água sob os moinhos e extraordinário número de importantíssimas transformações na vida portuguesa, depois de escrita esta crónica. O desenvolvimento da grande indústria trouxe consigo os mesmos problemas sociais que em tôda a parte acarreta, que atingiram também o comércio, embora por reflexo, e a anarquia interna, a desorientação política, a ruína financeira e económica, abriram campo a tôdas as piores propagandas e ás lutas mais mesquinhas, por contrárias que fôssem ao nosso espírito e maneira de ser. A Revolução Corporativa, depois, impôs novos princípios, uma nova moral nas relações do trabalho e na ordem nacional, bem superior, por evidência, ao que existiu em qualquer altura do passado; mas cujo princípio base (o da colaboração) foi especialmente compreendido pelo comerciante, que manteve sempre, no íntimo, aquele sentido meio patriarcal da sua profissão, não só por temperamento mas até por origem, visto a quasi totalidade dos lojistas ter vindo do balcão—muitos por qualquer daqueles sistemas que á crónica atraz citada referia.

Criou-se um conceito novo do trabalho, do capital, da empresa; não se admite já o soquete no aprendiz mas, quanto ao fundo de compreensão, êsse é o mesmo e o comerciante explorador do seu pessoal, hoje de novo, e mais do que nunca, é figura de excepção e vergonha dos seus colegas.

Vem isto a propósito de dizer duas coisas igualmente verdadeiras: que o lojista, em regra, já reparte com os colaboradores da sua empresa os rendimentos da mesma, na medida em que êstes lho permitem; mas que compreende que é necessário fazer mais e melhor, especialmente no que se refere á protecção da família dos seus empregados, célula primária e fundamento da Nação.

Tal como até hoje a remuneração tem sido determinada (salvo excepções, na maioria da iniciativa das próprias empresas) atende-se unicamente ás necessidades do indivíduo isolado. Não já considerando êste como aquêle *homo oeconomicus* que aluga o seu esforço e a quem unicamente se paga o trabalho produzido, mas obedecendo ao principio de que, por um lado, o salário tem essencialmente uma função social e, por outro, que o trabalhador na empresa, é mais do que um maquinismo ou uma fazenda. Estabeleceu-se o *salário corporativo*, em que o elemento humano, representado pelas necessidades normais do trabalhador, é preponderante, mas relacionado com três outros factores: as necessidades da produção, as das empresas, e o rendimento do próprio trabalho.

Isto não é tudo, porém; a remuneração nessas condições, a menos que constitua um excessivo encargo (por uniformemente elevada) não pode assegurar ainda nem a constituição confiante de família, nem sequer impedir eficazmente a desagregação desta.

Onde o salário garante apenas as necessidades vitais do trabalhador é impossível, evidentemente, só com êle, sustentar no mesmo nível de vida mulher e filhos. Daí a necessidade de a mulher trabalhar também e de a educação dos filhos ser feita fora do lar, o que impede uma mais fácil solução dos problemas do desemprego e da formação espiritual da mocidade.

Como diz Lenormand no seu

«Manuel Pratique du Corporativisme», o regime corporativo procura conciliar os deveres da mulher com as necessidades da família e a salvaguarda da natalidade nacional. Empreende a restauração dos valores espirituais e sociais. A mulher como mãe é depositária do futuro. E' preciso restituir á maternidade os seus encargos e as suas alegrias, assegurar os seus direitos.

O regime corporativo tem por objectivo libertar a mão de obra feminina e restituir-la aos cuidados e trabalhos domésticos, reservando aos homens a presença e o trabalho na empresa».

Tais fins não se alcançam com proibições absurdas que vedem ás mulheres necessitadas os trabalhos honestos—consegue o apenas o salário familiar.

O comércio retalhista, como qualquer outro sector económico, tem um interesse até imediato no estabelecimento de tal remuneração, pela repercussão na melhoria económica geral e porque o interesse de cada um só verdadeiramente se pode realizar através da consecução do interesse de todos.

Como o instituir? Um aumento geral de salários, de modo a assegurar a todo e qualquer trabalhador uma remuneração mínima equivalente ás necessidades de uma família normal, é sistema tão caro que seria incomportável para as possibilidades do comércio lojista; além disso, renovaria o problema sem o resolver, uma vez que o trabalhador tivesse que renunciar, uma vez casado e com família, ao nível de vida que tal salário lhe permitira criar em solteiro.

A única forma viável parece ser a das caixas de compensação, para as quais os próprios empregados contribuirão também e cujos reduzidos encargos se encontram, portanto, facilmente compensados.

Dever-se-á otender ainda a que, para obter a possibilidade de a mulher se dedicar exclusivamente á sua casa, não será necessário, de forma alguma, somar á remuneração do trabalhador quantia idêntica á que ela ganharia, visto que o trabalho caseiro proporciona economias que ninguém ignora e que haverá que juntar aquêle acréscimo do ordenado.

A propósito vem dizer: não seria do maior interesse estabelecer-se uma diferenciação, no salário familiar, entre o que fôsse pago trabalhando a mulher em qualquer empresa ou trabalhando no lar?

De qualquer forma, crêmos não fazer mais do que resumir a opinião geral do comércio lojista de Lisboa, afirmando o seguinte: somos por um ordenado familiar, dêse que êle tenha em atenção (como a lei o ordena, e acima já o dissemos) as necessidades e as possibilidades das empresas e o rendimento do próprio trabalho. Na sua realização, somos por um sistema de caixas de compensação que, afastando o perigo de despedimento do pessoal com família, por parte dos menos escrupulosos, permite também uma muito maior economia na sua elactivação (1).

E' o que se espera que contenham os futuros e próximos Contractos Colectivos. O comércio logista mostrará assim que possui a compreensão nitida da forma como podem ser vencidas as dificuldades do presente: pela colaboração de todos, para bem de todos, no esteio do rumo seguro já traçado pela nossa Organização Corporativa.

(1) Na Itália, onde desde 1937 o salário familiar foi tornado extensivo a tôdas as categorias de trabalhadores, o Instituto Nazionale Fascista de Previdencia Sociale concentra, com manifestação vantagem, tôda a sua gestão. Para algumas categorias profissionais e conforme os resultados do 1.º semestre de

A UNIÃO NACIONAL E A REVOLUÇÃO CORPORATIVA

A principal missão dos filiados da União Nacional é «acatar, defender e propagar» a doutrina do Estado Novo, não só por meio da palavra, escrita ou falada, senão também, e sobretudo, por meio do exemplo.

Ora, os filiados da União Nacional sabem que o Estado Novo é orgânicamente corporativo, por sua mesma constituição; e sabem que não pode haver corporativismo sem a colaboração que lhe é essencial, entre os elementos que compõem os Sindicatos, os Grêmios, as Casas do Povo, etc.

Constitue, por isso, parte integrante da missão que cabe a todos os filiados da União Nacional o dever de fomentar o espírito de colaboração corporativa—espírito que leve os dirigentes a observar a doutrina tal qual é, e os dirigidos a moderar desregradas ambições. Tudo isto é, não só querer o bem da Revolução Corporativa, senão ainda o bem do Estado Novo, que na Revolução Corporativa tem a sua razão política e social de ser; hoje e no futuro—para bem do engrandecimento duradouro da nossa Pátria.

Sport Lisboa e Algôs

Programa das festas que se vão realizar nos dias 5 e 6 de Julho de 1942, pela passagem do 4.º aniversário deste Club e que se oferecem especialmente á categoria de honra do Sport Lisboa e Bemfica:

DOMINGO — A's 7 horas — Alvorada.

A's 18 horas — Sessão Solene, presidida pelo Ex.º Sr. Dr. M. Pereira da Silva, illustre director da Federação das Sociedades de Educação e Recreio (Lisboa), com o concurso de distintos oradores que gentilmente colaboram nesta festa.

Homenagem ao Sport Lisboa e Bemfica e inauguração na nossa sala, da fotografia do seu grupo representativo, vencedor na presente época do Campeonato da 1.ª Divisão, em futebol.

A's 22 horas — Grandioso baile.

As 2 horas — Corridinho Algarvio. Exibição do consagrado campeão algarvio Ex.º Sr. José Pires e que tanto sucesso alcançou em Lisboa, acedendo assim desinteressadamente a abrilhantar esta festa.

SEGUNDA-FEIRA — A's 14 horas — Na esplanada do Club, inauguração da Kermesse e mais diversões.

Durante a tarde será transmitida excelente musica.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Raios X - Electroterapia

Rua Santo António, 32 - 1.º

TEL. 57

F A R O

cada ano, o Estado pode contribuir também.

As contribuições não são iguais em todos os sectores económicos. No caso do comércio, por exemplo, o empregado paga 1% e a empresa 3% sobre o montante do ordenado. São incluídos os que recebem retribuição superior a 2.000 liras mensais, o pessoal adstrito aos serviços familiares, a mulher, parentes e afins do empresário, etc.

O subsídio cessa, para os assalariados, quando o filho atinge 14 anos (idade mínima em que o trabalho é permitido) mas pode ser prolongado, em casos justificados, até aos 16 anos; quanto aos filhos dos empregados, dado que geralmente têm maiores despesas de instrução, o limite estabelece-se aos 18 anos.

A lei de 6 Ag. de 1940, n.º 1.278, cujo Regulamento ainda não conhecemos, visa uma concentração ainda maior na gestão das pensões familiares, a supressão do concurso do Estado e da quota do trabalhador e a inclusão, neste benefício, do pessoal da administração do Estado e das entidades públicas, e de todo aquêles que não usufrua de um tratamento de família.

Investigando no Passado

E na conquista de Faro, para que uns e outros ficassem seguros do que se passava, mandou El-Rey D. Afonso 3.º deitar prego por todo o Arrayal que nenhu X-ptão (cristão) fizesse mal a algu mouro; *inda q eles andassem*; nem entrassem na Villa posto que as portas estivessem abertas; salvo os capitães acompanhados dos q elles quizessem: mas que todos os mais *rezedimem em suas estancias*; que lhe erão assinadas. O concerto que El-Rey fez com os mouros foi que os que se quizessem ir para outras partes, o podessem fazer logo com tudo o que possuíam; e os que na Villa quizessem ficar lhes dava suas casas, fazendas e herdades, com a condição que pagassem a El-Rey os mesmos tributos e direitos que antes ao *Miramolim* pagavão. E que El-Rey ficasse obrigado a os favorecer e defender assim dos mouros como de qualquer *outra nação*, que lhe quizesse fazer mal; e q os *Cavalleiros Mouros* da terra ficassem por seus vassallos e o acompanharem quando lhe cumprisse, e por isso lhes fizesse favor e mercê como os outros de sua corte; e esta é a causa porque os *Mouros durarão* em todo o Algarve mais de *trezentos anos* depois disto sendo livres e e senhores de suas fazendas. *Desta maneira cobrou El-Rey D. Afonso a Villa de Faro no mês de Janeiro da era de Cesar que então corria de 1298, e de Nosso Senhor Jesus X-pt.º 1260.*

E a paginas 97 verso—capt.º 8.º da corografia de F.º João de S. José—1577—está escrito como El-Rey D. Afonso 3.º foi sobre a *Villa de Loulé* e a tomou, e o Mestre de S. Thiago, D. Payo Correia tomou Aljezur. E a paginas 102 verso diz—«De como por diferenças que houve entre El-Rey de Portugal e o de Castela, tornou a Portugal o Mestre D. Payo com outros dois principes fidalgos de Castela por Embaixadores, e das pazes q por seu meyo foram feitas». E a paginas 105 verso—capt.º II, se mostra de—«Como El-Rey de Castela quitou a El-Rey de Portugal seu genro, e ao infante D. Diniz seu neto, e a todos os seus sucessores a obrigação dos 50 cavalleiros por respeito do Reyno do Algarve, e voltou a Portugal livre para sempre dessa obrigação». E a paginas 113 em que principia o 4.º livro se trata das «Particularidades do Reyno do Algarve *dá quem mar*; e assim

Ceatro Popular EXPLANADA

Quarta feira—Apresenta um filme musical de sensação—*Melodia das estrelas*—que se distingue: Pelo seu argumento cheio de interesse e recheado de episodios comicos.

Pela interpretação de Alice Faye, John Payne, um novo galã e o comico Jack Oakie.

Pelo bailado «voador» dos celebres irmãos «Nicolas» os bailarinos negros de Sinfonia dos Tropicos.

Pela atuação de tres comicos assombrosos: Os malucos do violino.

Com tais elementos não deve duvidar-se da atracção de *Melodia das Estrelas* que ainda reunem no seu conjunto um «clou» sensacional: o quarteto de Luccia cantando numa noite de chuva e trovoadas.

As canções são lindissimas.

Sabado—Temos uma excelente produção no genero dramatico—*A Denunciante*, filme forte, intenso que proporciona maravilhosas criações a Joan Bennet e George Raft, duas vidas atiradas para o desespero: Ela porque denunciando o marido, supõe, a conselho do advogado, que o livrava dos inimigos, quando ele só teve em vista afasta-lo e o marido por se encontrar na prisão, enturecido com a noticia de que a mulher lhe era infiel.

O desfecho é tragico, mas humano e de sacrificio.

A Mecanográfica

António Gonzalez

Reparações e reconstruções em máquinas de escrever.

Acessórios

Praça D. Francisco Gomes, 19

FARO

nos é dito como se poem e adubam as figueiras e se toca o figo.

Continúa.

Lisboa

Honorato Santos

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Major Vasco Braz de Campos e sr. Anibal Galhardo Palmeira.

Em 6—D. Maria do Carmo Vizeto Chagas Cansado, D. Maria Angela Martins F. Barradas, D. Maria Fernanda Marques Pereira e sr. Ventura José Angelo Ladeira.

Em 8—D. Ilda Contreiras de Campos Cansado, D. Maria Teresa Padua Cruz Silva, D. Maria José Viegas Carapeto Soares e D. Maria Virginia Chagas Bolicheime.

Em 9—D. Maria Cremilde Peres Figueira e sr. Eduardo de Sousa Gomes.

Partidas e chegadas

No goso de alguns dias de licença partiu para a capital o nosso prezado assinante sr. Joaquim Rodrigues da Avó, mui digno Chefe da Secção de Finanças deste concelho.

Acompanhado de sua esposa e filhos partiu para Loanda, onde foi colocado como funcionario da Policia de Segurança Publica, o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Jacinto Conceição.

—Encontra-se nesta cidade, de visita a sua familia, a Sr.ª D. Maria Tereza de Padua Cruz, irmã do sr. João José de Padua Cruz, importante proprietário.

—Encontra-se a veranejar na sua Quinta da Manta-Rôta, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. dr. Luiz de Medeiros Antunes, Inspector do Registo Civil.

Doentes

Foi para Monchique convalescer da doença que ultimamente o atacou, o Rev. Jorge de Melo, Prior de Tavira.

Desejamos-lhe completas melhoras e um breve regresso a esta cidade, ao convívio dos seus numerosos amigos e paroquianos.

—Regressou de Lisboa onde foi procurar alívio aos seus sofrimentos a Esposa do sr. José Inácio das Dores, funcionario da Câmara Municipal de Tavira.

PELA IMPRENSA

«Diario do Alentejo»—Dedicado a S. João, fez publicar um interessante número especial a côres, o nosso prezado colega «Diario do Alentejo».

Os nossos parabens.

«Boletim da União dos Grêmios de Logistas de Lisboa»—Esta muito interessante publicação de Lisboa completou mais um aniversario, pelo que lhe apresentamos as nossas melhores felicitações.

Do numero comemorativo dessa data transcrevemos o artigo «A Remuneração Familiar» que noutra lugar publicamos.

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

Misericórdia, com a porta manuelina, a ligar á Fonte, ficando esta dentro do recinto das muralhas.

Era este o perimetro poligonal das velhas fortificações, ou castelo de Tavira.

Ora era aquele perimetro poligonal que constituia propriamente a praça fortificada de Tavira, ou recinto amuralhado, ou uma povoação medieval, e não um pequeno grupo de muralhas ou baluartes erectos no Alto de Santa Maria.

Um castelo medieval não defendia um sitio só; defendia, albergando intra-muros, uma povoação com seus habitantes.

Era, portanto, um recinto fortificado, e maior do que hoje se pode supor.

Os antigos castelos eram geralmente construidos sobre uma eminencia, como o de Tavira, e compreendiam essencialmente tres ordens de muralhas: a primeira (cêrca), onde, de espaço a espaço se erguiam torres (cubelos) mais altos do que ela, e rodeada de fossos profundos de agua, protegia a povoação; a segunda protegia o espaço em que se encontravam as dependencias do castelo; a terceira envolvia o castelo propriamente dito, onde o ultimo termo de deieza era a enorme torre albarran, ou de homenagem, ou de menagem, muitas vezes separada do resto do edificio por um fosso particular, supremo refu-

gio dos defensores, que ali combatiam até ao ultimo transe.

Esta torre era dotada de diferentes pavimentos e terminava por uma plataforma coroada de ameias, donde se intensificava a defesa, nos momentos tragicos, ante a chusma dos assediados.

No cimo da torre ondeava ao vento o pendão indicando quem era o senhor da fortaleza.

Dividido por fortes tabiques, o interior do castelo formava compartimentos espaçosos. As escadarias e corredores rasgavam-se na espessura dos muros. As unicas aberturas nas paredes dos pisos inferiores consistiam em seteiras e miradouros.

As muralhas exteriores eram espessas, precedidas de um largo poiso ou cárcova. Levavam na sua extremidade uma couraça ou cortina, abrigada por um para- peito ou uma tranqueira, protegida a intervalos regulares por aberturas rectangulares chamadas ameias.

Penetrava-se no recinto amuralhado por um estrado (ponte levadiça), que, erguendo-se, fechava a porta, defendida alem d'isso por duas torres. No interior da fortaleza estava a torre de menagem, a que já me referi. A fortaleza tinha mais: torres, baluartes, barbaças, cortinas, poternas, cachorros, ameias, balesteiras, seteiras, caminhos de ronda, palanques, pateos, capela, residencia ou palacio etc.

No interior as ruas eram irre-

NECROLOGIA

No dia 2 do corrente faleceu nesta cidade onde era natural o sr. José Teodoro Baptista Pires, de 24 anos, empregado de escritorio nas Minas da Panasqueira, filho da sr.ª D. Virginia Guimarães Baptista Pires, já falecida e do sr. José Augusto Baptista Pires, Chefe da Secretaria da Camara Municipal de Vila Viçosa.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria dos Martires Frangolho Pires, de quem deixa uma filhinha de tenra idade.

A familia enlutada o «Povo Algarvio», envia sentidas condolencias.

Em Lisboa, onde foi submetido a uma intervenção cirurgica, faleceu o sr. Antonio do Sacramento Faustino, Perguiceiro da Armação do Medo das Cascas, natural desta cidade, casado com a sr.ª D. Maria Benedita Messias Faustino, de quem deixa varios filhos.

Os restos mortaes do extinto vieram trasladados para esta cidade, onde ficaram depositados no Cemiterio Municipal.

A familia enlutada e em especial a seu genro, o industrial sr. Francisco Martins Pereira, o «Povo Algarvio», envia sentidas condolencias.

CHARRET

Vende-se uma nova. Quem pretender, tratar com José Luiz da Conceição (marceneiro) Luz de Tavira.

EDITAL

João Simões Quintas Júnior, Engenheiro Chefe da 5.ª Circunscrição Industrial

Faço saber que Maria José da Palma Brito Lopes requereu licença para a exploração de uma fábrica de telha e ladrilho, incluída na 3.ª classe, com o inconveniente de fumos, sita na Ceiceira, freguesia de Cachopo, concelho de Tavira, distrito de Faro, confrontando ao Norte, Sul, Nascente e Poente com terrenos da requerente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e

dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição, com sede no Largo do Terreiro do Bispo (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro e Secretaria da 5.ª Circunscrição Industrial, em 26 de Junho de 1942.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Junior

Retalhos e Arabescos

Confusão

O dr. Luis Oliveira Guimarães contava ha dias na «Vida Mundial Ilustrada» esta deliciosa anedocta, que atribui a Leiteiro de Barros:

—Há dias uma senhora francesa, recém chegada a Portugal, pediu que lhe mostrassem os *Jerónimos*. Claro: levaram-na a Belem. Mas, chegada ao monumento, logo começou a barafustar:—«*Pardon... Eu queria ver érra o Jerónimo Marrtin et File, onde se compram chosens pous manger...*»

O preço da beleza

Uma das actuais preocupações dos centros economicos da América reside no facto de estar bloqueada, em virtude da guerra, a exportação de produtos de beleza para a Europa.

Esse ramo de actividade provocava lucros gigantescos, como é fácil calcular pelos numeros que a seguir reproduzimos: em 1939, a América mandou para a Europa 654.999 dólares de «batons», 190.408 dólares de «rouges», 159.162 em cremes.

Que dizer, as mulheres europeias dispenderam 2:1.162 dólares só em produtos de «maquillage» vindos da América.

Parecerá a muita gente que semelhante dinheiro foi mal empregado, opinião que nós não perfilhamos, por estarmos convencidos de que pela beleza das mulheres se devem fazer todos os sacrificios.

Assine o «Povo Algarvio»

dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição, com sede no Largo do Terreiro do Bispo (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro e Secretaria da 5.ª Circunscrição Industrial, em 26 de Junho de 1942.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Junior

N.º 13 POVO ALGARVIO 5-7-942

DAMIÃO DE VASCONCELLOS

Ecos do Passado de Tavira

Diz o povo,—*Voz Dei*—, que existem, ou existiram, uns orfãos, que ainda hoje teem direito a'quele solar, e que os seus ultimos proprietarios receavam ser esbulhados da posse do predio se apparecessem os verdadeiros senhores.

Deve ser lenda. E' mui possivel que se trate do seguinte:

Como aquele solar era um Morgadio, e como o ultimo Morgado falecesse sem descendencia directa, veio á posse do tal eclesiastico, parente colateral, e havendo os tais orfãos que ficariam prejudicados por esse facto, e d'hai o crear-se a lenda dos orfãos, ainda hoje proprietarios directos do solar. E d'hai talvez a existencia dos orfãos seja invencionissas.

Este solar, está muito bem conservado, honra seja feita aos seus possuidores.

Bem dignas de igual sorte seriam todas as velharias do Algarve, que os seus proprietarios teem destruído ou inutilizado, uns por ignorancia do que possuem, outros, procurando tesouros escondidos, e ainda alguns

por horror a estilos architectonicos antigos, julgando melhor *modernizar* o que os antepassados nos legaram. Pena é que assim aconteça frequentemente.

Castelo de Tavira

(Ao Dr. Jaime Bento da Silva)

Existiu aqui um recinto de muralhas com baluartes, cuja construção data do tempo do dominio mourisco, cinto de muralhas que foi reparado e ampliado por D. Dinis, em 1292. Mas já antes d'isso, existira um castelo do tempo dos romanos, que chamaram a esta povoação, Talabrica.

D. Sebastião tambem lhe mandou fazer importantes reparações, assim como aformoseou a ponte sobre o rio.

O castelo de Tavira, ou o velho burgo fortificado, abrangia um perimetro poligonal, tendo ao centro o Alto de Santa Maria.

As muralhas exteriores vinham pela Fonte, rua de Traz-os-Muros, trazeiras da cêrca dos Gracianos, rua das Olarias, rua e travessa dos Mouros, ruas do Mal-Fôro e Nova Grande, pela

Continúa

ATENÇÃO

Para nos deliciar durante a época calmosa não há nada melhor que um belo receptor de T. S. F. da afamada marca

His Masters Voice



para corrente ou bateria de 6 voltes.

Leindo móvel, ótima sonoridade, nitidez incomparavel

Há também á venda aparelhos de pilhas secas próprios para transportar para a praia ou campo (pequeno móvel portátil sem antena).

Peçam uma experiencia a

Francisco Padinha Raimundo

R. do Poço do Bispo, 10—TAVIRA

Fontinha da Atalaya

==== TAVIRA ====

Balneário

Reumatismos-Doenças de Pele

Abre em 1 de Julho

Tipografia Socorro

(MOVIDA A ELECTRICIDADE)
TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
FÁBRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA
AS OFICINAS PREFERIDAS PELA PERFEIÇÃO DOS SEUS TRABALHOS
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

TELEFONE 59

Novidade

Arrenda a novidade do presente ano, (alfarroba, amendoa e figo).

Dirigir ao seu proprietário José Antonio da Trindade Capelina—Tavira.

Arrenda-se

a Fazenda da Capelina. Tratar com José Leiria, em Tavira ou com o seu proprietário, José

Dr. Morais Simão

CLÍNICA GERAL
Cirurgia, Partos e Dentes
Consultas das 15 às 18 horas

Rua da Liberdade
TAVIRA

António da Trindade, na dita propriedade.

Remédios recomendáveis

Para o estomago use
«FOSFOLACTODIONINA»
caixa 14\$00

Para a sarna use
«NARSA»
caixa 12\$00

Feridas e ecsemas use
«SUPURA-CURA»
caixa 6\$00

Para a tosse use
«XAROPE DE TIICAL COM-
POSTO»—frasco 15\$00

Preparados no Laboratório
da Farmácia S. Marcos de

Roque dos Reis Branco

Farmacêutico
S. Marcos da Serra

Cunha & Dias, L. da

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

Vendem-se

Duas estantes para livros.
Informa Joaquim Aldomiro,
Rua do Salto.

COMARCA DE TAVIRA

Anuncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faço saber que por este Juízo e secção correm éditos de vinte dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos autos de acção sumaríssima, que, em execução de sentença, José Correia Ponte, solteiro, maior, comerciante, residente em Olhão, move contra Bernardino Antonio Guerra, viuvo, comerciante, residente em Cacula e Maria Bernardina de Jesus Correia Guerra, solteira, maior do mística residente em Tavira.

Tavira, 20 de Junho de 1942

O Chefe da 2.ª Secção

Eduardo Dias Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Luiz Pinto

Jornal «Povo Algarvio» n.º 419 de 5
de Julho de 1942

Aparelho de T. S. F.

Em 2.ª mão, para trabalhar em corrente alterna de 220 volts, em ótimo estado, vende-se.

Nesta redacção se informa.

Violino

Vende-se. Nesta redacção se informa.

Santa Casa de Misericórdia de Tavira

Hospital do Espírito Santo

Consulta Externa

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias uteis às 9,30 horas

OFTALMOLOGIA

(Dr. May Viana)

Consultas todos os segundos domingos de cada mês às 10 horas

Puericultura e Doenças de crianças

(Dr. Rogério Peres)

Consultas todos os domingos e segundas feiras às 10 horas

CLINICA CIRURGICA

(Dr. Jorge Correia)

Consultas aos sabados às 15 horas e aos domingos às 11 horas

SANTA CASA

DE MISERICORDIA DE TAVIRA

Avisam-se todos os devedores de fóros e juros de que podem efectuar o pagamento voluntário dos respectivos recibos anuaes, todos os domingos, das 11 às 15 horas, na Secretaria do Hospital desta Misericórdia.

Também se avisam todos aqueles que devam mais do que um recibo, de que devem efectuar já, os pagamentos em atraso.

A Misericórdia para poder cumprir a sua missão precisa do auxilio e carinho de todos que lho podem prestar, não podendo dispensar os rendimentos que lhe são próprios, pelo que, embora com pesar, procederá coercivamente contra todos os seus devedores em atraso.

O PROVIDOR

AVISO

J. Cansado & C^{ta} (em liquidação)

TAVIRA

Para conhecimento dos interessados se comunica que terá início, no dia 3 de Julho a distribuição do quinto rateio de 10 % aos credores comuns.

Os pagamentos realizar-se-ão às terças e sextas-feiras, podendo, todavia, os interessados requisitar os respectivos recibos, para a sua legalização, em qualquer dia util a partir da data deste anúncio.

Tavira, 18 de Junho de 1942.

O Comissário do Governo

José Valeriano da Gloria Pacheco

Anunciai no

“Povo Algarvio”